

SOBRE ORÁCULO!!

Os filmes que trabalhamos juntos em 18 anos!

ORÁCULO, 61 min, 2020

MÁQUINA DO TEMPO, 5 min, 2014

POSTCARDS 5 - Curitiba: Querido Osvaldo, 2min, 2010

POSTCARDS 3 - Florianópolis: O Nascimento de Vênus, 2min, 2008

ÉTERNAU, 21 min, 2006

ABRIL, 19min, 2002

ORÁCULO O FILME NA PERSPECTIVA DE UM ATOR NÃO ATOR

O tempo/espço ou o modo como o tempo/espço é tratado no filme Oráculo, 61 min (2020) de Gustavo Jahn e Melissa Dullius, como ocorre tradicionalmente no cinema experimental, estabelece uma relação antagônica com a construção da narrativa linear. Talvez se possa dizer que seus criadores criaram uma *antinarrativa cinematográfica*, um “filme de presença”.

Oráculo não narra um acontecimento: mostra, expõe lugares e seres humanos.

Oráculo estabelece um esgarçar da ficcionalidade e uma emergência do real, ao fazer isso renuncia, em sua construção estética, do elemento personagem. Assim estabelece aos atores a participação em um filme sem representar, ou seja, fazer um filme como não-atores.

Atuando como não ator, sem a possibilidade de enunciar uma personagem ou ser ficcional, resta aos atores/não atores, no momento da filmagem, apenas SER. Ser o que se é, estar presente, ser presente.

Considerando-se a discussão do problema da expressão em Deleuze/Espinoza e na crítica à produção de sentido em Gumbrecht¹, pode-se designar dois modos de presença no trabalho do ator: a presença emanativa e a presença imanente.

¹ Ler: A Construção de Presença e a Cena Teatral Multimidiática: a hegemonia de uma presença imanente – fonte: <https://www.scielo.br/pdf/rbep/v5n3/2237-2660-rbep-5-03-00640.pdf> , texto de: Stephan Baumgartel e Juarez Nunes (2015)

Estes dois modos de produção de presença do ator podem contribuir para se melhor entender o que quero dizer com um “filme de presença”

Vejamos!

A presença emanativa (transcendental), vincula-se ao sistema epistemológico do teatro dramático, somente pode manifestar-se como emanção, já que possui um aspecto transcendental no qual faz alusão a algo (personagem) invisível ou desaparecido que se torna presente através da atuação (corpo/ator).

A presença imanente é uma presença que se estabelece como problematização do paradigma erguido no bojo da produção de presença emanativa: sujeito/objeto. Ao contrário do que se observa em sua antítese (presença emanativa) na presença imanente, causa e efeitos estão contidos nela própria como latência e expressões: a dinâmica da cena expressa, em sua forma material concreta, uma latência contida na copresença dos elementos, que compõem essa presença tanto em seu sentido físico quanto conceitual. Desse modo ela possui dois grandes paralelismos com o contexto das práticas performativas contemporâneas, fundamentais para o entendimento do que quero dizer: a autorreferência e a interatividade direta.

Aqui tratarei apenas da autorreferência, uma vez que a interatividade direta diz respeito à relação palco plateia, o que não ocorre no trabalho do ator do cinema, pelo menos do cinema no sentido clássico que o conhecemos.

A autorreferência, apesar de implicar uma propriedade dinâmica, semântica possível ou conceito anterior, não representa sua causa. Visto que ela é imanente, contém sua causa e nela está contida de modo latente. Em seu processo de desvelar-se, a causa surge como efeito da materialização concreta de um presente, mas não a antecede, de maneira que se afirma sempre no aqui e agora e permite construir possíveis antes e depois, sem remeter a uma presença já pronta fora do tempo.

Por isso em *Oráculo* o que a câmera capta é a manifestação de presença dos atores no aqui agora performando alguma atividade no espaço/tempo real. Paisagens, uma ponte, um quarto, nada é representativo. Isto confere ao filme um aspecto ontológico e o faz denso.

O filme *Oráculo* (2020), ao romper com o paradigma sujeito-objeto ator-personagem, parece impingir ao ator uma perspectiva heideggeriana: sernomundo. Com

isso o remete a uma dimensão de construção de presença imanente, onde o seu estar no mundo, sernomundo reafirma a sua autorreferencia e a autorreferência do mundo, e assim deixar de ser ator e apenas viver o instante presente, conferindo-lhe uma tonalidade performática.

Se considerarmos que a linguagem cinematográfica pode ser agente de manipulação já que se trata de uma linguagem capaz de explorar a subjetividade humana, é possível perceber que a opção do plano de exposição de Oráculo, além de enfatizar a produção de presença imanente abdica de qualquer manipulação sobre a reação do público e com isso pode parecer dizer:

Chega de representação!!

Num momento tão árido, tão seco em que a morte vem naquilo que nos permite viver, o respirar, Oráculo parece gritar:

Chega de representação pois eu não consigo respirar.

Se considerarmos que a produção de Oráculo, 61 min, 2020 se iniciou em 2016, e teve parte do seu processo na pandemia do Coronavírus (2020), Oráculo emerge como resistência artística existencial.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o Problema da Expressão**. [S.l.]: [s.n.], [1968]. Disponível em: http://search.4shared.com/postDownload/EXydWwxs/gilles_deleuze_-_espinosa_e_o_.html>. Acesso em: 23 set. 2013.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Tradução: Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2010.

BAUMGARTEL, Stephan. Nunes, Juarez. A Construção de Presença e a Cena Teatral Multimidiática: a hegemonia de uma presença imanente. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/rbep/v5n3/2237-2660-rbep-5-03-00640.pdf>

acesso em 15/01/2021